

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Bruno Alves Moraes

O RESSENTIMENTO EM MEMÓRIAS DO SUBSOLO DE DOSTOIÉVSKI

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Paulo Afonso de Araújo.

Juiz de Fora
2022

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **BRUNO ALVES MORAES**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202072056A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O RESENTIMENTO EM MEMÓRIAS DO SUBSOLO DE DOSTOIÉVSKI**, desenvolvido durante o período de 18/04/2022 a 05/08/2022 sob a orientação de Prof. Dr. Paulo Afonso de Araújo, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

BRUNO ALVES MORAES

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O RESSENTIMENTO EM MEMÓRIAS DO SUBSOLO DE DOSTOIÉVSKI

Bruno Alves Moraes¹

RESUMO

O presente trabalho pretende abordar o ressentimento em Memórias do Subsolo de Dostoiévski, e mostrar como outros conceitos como a consciência hipertrofiada e a esperança aparecem junto deste e moldam a vida do personagem. Estes conceitos são apresentados pelo personagem principal que em consequência disso passa por um sofrimento extremo. Pensando em como sua existência fica atrofiada com a consciência hipertrofiada que segue o pensamento racionalista determinista, limitando a sua existência e gerando por consequência um ressentimento enorme. Ressentimento esse que deixa sua vida extremamente dolorosa, pois quem mais sofre com isso é ele próprio, e de forma doentia gera inclusive prazer. A esperança aparece como a solução para esses problemas, seria a forma correta de lidar com o ressentimento, ao pensar no futuro não teria razão para ficar voltando em suas memórias e buscando razões para fortalecer seu rancor. E tendo esperança para o futuro vence-se também o determinismo, tornando suportável o sofrimento momentâneo do presente.

PALAVRAS-CHAVE: Consciência hipertrofiada; Ressentimento; Esperança; Subsolo; Determinismo.

ABSTRACT

The present work intends to approach resentment in Dostoevsky's Notes from Underground, and to show how other concepts such as hypertrophied consciousness and hope appear alongside it and shape the character's life. These concepts are presented by the main character who, as a result, undergoes extreme suffering. Thinking about how their existence is atrophied with the hypertrophied consciousness that follows deterministic rationalist thinking, limiting their existence and consequently generating enormous resentment. Resentment that makes his life extremely painful, because the one who suffers most from it is himself, and in an unhealthy way it even generates pleasure. Hope appears as the solution to these problems, it would be the correct way to deal with resentment, thinking about the future would have no reason to keep going back in their memories and looking for reasons to strengthen their rancor. And having hope for the future, determinism is also overcome, making the momentary suffering of the present bearable.

KEYWORDS: Hypertrophied consciousness; Resentment; Hope; Underground; Determinism.

1. INTRODUÇÃO

Publicada em 1864, a obra Memórias do Subsolo escrita por Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (1821-1881), se tornou uma das mais expressivas obras do autor russo. É uma obra profundamente psicológica e com elementos que vão criticar a visão racionalista determinista vinda da Europa, que influencia a cultura Russa naquele momento. A obra influenciou grandes autores posteriores, como cita o próprio Nietzsche em uma de suas cartas:

De Dostoiévski eu não sabia, até poucas semanas, nem sequer o nome – eu, um homem sem instrução, que não lê nenhum “jornal”! Uma visita casual a uma livraria me colocou diante dos olhos o livro *L'esprit souterrain* em uma tradução francesa (tão casual quanto me ocorreu aos 21 anos de idade com Schopenhauer e aos 35 com Stendhal!). O instinto de parentesco (ou como poderia eu chamá-lo?) falou de imediato, minha alegria foi extraordinária: eu devo retroceder até meu contato com *O vermelho e o negro* de Stendhal, para me recordar de semelhante alegria. (apud, PASCHOAL, 2010, p. 200)

Memórias do Subsolo nos apresenta um personagem-narrador que não nos diz seu nome, mas nos revela muito do que se passa em sua mente, através dessa narrativa que chega a ser nauseante em alguns momentos. Perturbado por um ressentimento paralisante e doentio ele confessa seus mais ignóbeis pensamentos e nos conta detalhadamente os mecanismos de sua consciência hipertrofiada e como isso o deixa inerte em relação a sua vida. A obra é dividida em duas partes, a primeira é um monólogo, onde a personagem

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: bruno.moraes@estudante.ufjf.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Paulo Afonso de Araújo.

nos apresenta a sua doença, como funciona sua consciência hipertrofiada (abordaremos esse conceito mais à frente), é onde acontece também a crítica ao determinismo do pensamento racionalista. Ele nos mostra também que não é necessariamente uma pessoa má, e sim que trava uma luta incessante dentro de si mesmo para que seu lado bom nunca venha a se concretizar. Na segunda parte, ele apresenta de fato algumas de suas memórias, onde é aplicado os conceitos mostrados na primeira parte ficando evidente como sua doença o paralisa perante a vida, causando sofrimento para os outros ao mesmo tempo que causa um sofrimento ainda maior para si mesmo, e ele tem perfeita consciência disso. A segunda parte satiriza também o romantismo social, isso fica evidente na cena com Liza, que em textos da época de 1840 era comum a redenção de um personagem com uma prostituta, o que Dostoiévski inverte aqui, e mostra como a vingança do homem do subsolo pode ser vil, destruindo completamente as esperanças de Liza em relação a vida, e ao mesmo tempo descobrindo que ele precisa de mais ajuda do que ela, mesmo ela estando no degrau mais baixo da hierarquia social Russa da época. Portanto a obra abrange inúmeros assuntos de forma concisa e profunda, e o personagem é uma ferramenta crítica da sociedade e da cultura Russa:

Em outras palavras, o homem do subterrâneo não é apenas um tipo moral e psicológico cujo egoísmo o autor deseja expor; é igualmente um tipo socioideológico, cuja psicologia deve ser vista como estreitamente interligada com as ideias que ele aceita e pelas quais tenta viver. (FRANK, 2002, p. 432)

Apesar de ser muito conhecida hoje em dia, a obra não teve reconhecimento na época em que foi publicada, recebendo uma atenção por volta de 1883. Quando se começou a discutir a obra, alguns a interpretaram de forma errônea, supondo que os sentimentos do homem do subsolo fossem os mesmos de Dostoiévski, ou não dando tanta atenção à sua sátira contra as ideias racionalistas de Tchernichévski², ou suas críticas ao pensamento Europeu que invadia a Rússia, que é uma das razões para o desenvolvimento da doença do personagem.

Abordaremos o conceito da consciência hipertrofiada no primeiro capítulo, que é a forma racionalista determinista de pensar do homem do subsolo, que o faz pensar exageradamente e por seu destino determinado ele nunca age para mudá-lo. Essa é uma ferramenta de crítica contra essa forma de pensamento que vem da Europa para a Rússia que Dostoiévski usa para defender sua ideia de que o individualismo crescente na Europa não é o jeito russo de ser, que preza a comunidade tanto quanto o indivíduo.

Da consciência hipertrofiada inúmeros problemas surgem na vida do homem do subsolo como sua solidão, sua prisão dentro de suas memórias e o ressentimento, que abordaremos no segundo capítulo. Este outro conceito está muito presente na obra, e deixa a existência do homem do subsolo pesada, tudo que acontece com ele se transforma em ofensa que fica presa em sua memória, fazendo-o voltar àquele conteúdo e revivê-lo por muitos e muitos anos, de forma cada vez mais negativa e vingativa. O ressentimento na obra é uma consequência da consciência hipertrofiada que o faz pensar demais e sempre chegando à conclusão de que as coisas não podem mudar, portanto ter ressentimento seria exatamente como as coisas devem ser e ao pensar assim ele reforça ainda mais esse sentimento, em um ciclo vicioso.

Por fim, no terceiro capítulo temos a esperança, que pode ser vista na obra como a solução tanto para a consciência hipertrofiada como para o ressentimento. Demonstrado principalmente na memória com a prostituta Liza, esse é o sentimento que faz com que ela não se torne exatamente como o homem do subsolo, que sem esperança de qualquer mudança não consegue mudar a própria vida. A esperança quebra o determinismo gerado na consciência hipertrofiada, e com isso o sofrimento do presente pode ser suportado em prol de um futuro possivelmente melhor. O homem do subsolo mesmo quando tem esperanças as destrói com seus pensamentos deterministas, tendo, portanto, uma existência de profundo sofrimento que nunca irá mudar.

2. A CONSCIÊNCIA HIPERTROFIADA

Dostoiévski usa o conceito de consciência hipertrofiada para criticar o racionalismo determinista que vem da Europa para a Rússia na época. Atacando de forma satírica principalmente as ideias de Tchernichévski. O personagem das Memórias do Subsolo é uma sátira ao determinismo, e admite suas premissas até o limite na obra, mostrando inclusive as fraquezas dessa linha de pensamento, pois está na natureza do homem querer ser livre, e mesmo que seja provado pelas ciências que o destino está traçado, e que o homem não tem escolha

² Nikolai Gavrilovitch Tchernichévski (1828-1889), foi um escritor revolucionário russo, com ideias socialistas e com filosofia materialista. Sua obra teve aspecto racionalista e determinista, que é criticada por Dostoiévski.

alguma, ele inventaria alguma forma de criar o caos e romper com essa ordem, fazendo o que for necessário para isso.

Pensai no seguinte: a razão, meus senhores, é coisa boa, não há dúvida, mas razão é só razão e satisfaz apenas a capacidade racional do homem, enquanto o ato de querer constitui a manifestação de toda a vida, isto é, de toda a vida humana, com a razão e com todo o coçar-se. (Dostoiévski, 2000, p. 41)

Ele critica justamente essa característica de restrição de uma grande parte do que nos torna humanos, a incerteza, o amar hoje e odiar amanhã, sem que necessariamente haja alguma fórmula matemática para explicar isso. Ele fala da essência criadora do homem, o caos, é através dele que nós criamos reações novas, assim como faz o comediante. O homem pode, mesmo sabendo o que é bom e o que é mal, escolher deliberadamente o mal, mesmo isso sendo moralmente inaceitável, e isso é parte da vida do homem. A ideia defendida com essa crítica é que o homem tem infinitas possibilidades e modos de existência, não podendo ser simplesmente analisado matematicamente.

Mais ainda: mesmo que ele realmente mostrasse ser uma tecla de piano, mesmo que isto lhe fosse demonstrado, por meio das ciências naturais e da matemática, ainda assim ele não se tornaria razoável e cometeria intencionalmente alguma inconveniência, apenas por ingratidão e justamente para insistir na sua posição. E, no caso de não ter meios para tanto, inventaria a destruição e o caos, inventaria diferentes sofrimentos e, apesar de tudo, insistiria no que é seu! (Dostoiévski, 2000, p. 44)

Dostoiévski vê a consciência hipertrofiada como consequência da modernidade europeia. Com suas viagens à Paris e Londres ele teve várias impressões que o ajudaram a moldar esse conceito, e escreveu uma espécie de prelúdio de Memórias do Subsolo em Notas de Inverno sobre Impressões de Verão que são uma série de artigos sobre o que viu em sua viagem à Europa. Ele vê nos europeus um crescente senso de egoísmo e falsidade com a imagem transmitida para os russos de que os europeus eram mais civilizados, e ataca os que viam a Europa com veneração e respeito. E ele vai ver de perto que a Europa não tem tanta liberdade quanto se pensava, quando espiões da polícia invadem seu compartimento de trem em Paris. Já em Londres o problema é com o materialismo, onde todos só pensam nos ganhos, e os londrinos idolatram isso, o que fica evidente para ele com a Exposição Mundial de Londres que foi realizada no Palácio de Cristal. Ele vê isso como a corrupção da alma humana, e a consequência disso tudo vai ser a consciência hipertrofiada.

A incessante influência cultural que a Europa exerce no mundo e principalmente sobre a Rússia incomodava muito Dostoiévski, e o mesmo tinha aversão a essa cultura, que não tinha os princípios morais russos, pois já haviam aberto a mão dos mesmos em prol desse materialismo desenfreado. Com a crescente individualização, o outro foi esquecido, o senso de comunidade que é muito presente na cultura russa, não existe na Europa, todos estão por si só, lutando para acumular mais e mais. Isso é o cerne do problema que gera a consciência hipertrofiada, as pessoas não conseguem enxergar o outro e o ciclo vicioso começa, qualquer ofensa se torna muito maior do que realmente é por conta do egoísmo gerado por essa individualização. Logo toda a sociedade está envenenada por essa forma de pensar da cultura europeia, gerando indiferença e isolamento.

Ele vê a hipocrisia europeia em relação aos ideais da Revolução Francesa, principalmente a fraternité que para ele não existe na Europa, pois os mesmos só a usam como ferramenta de autoafirmação e alimento para o ego, não existindo a fraternidade russa, que Dostoiévski descreve como a convivência entre o indivíduo e a comunidade onde vive é forte, ambos estão ligados, o outro aqui importa, onde o indivíduo se sacrifica caso seja necessário em favor da comunidade, e isso é tão enraizado que não é preciso pedir ao mesmo para realizar o sacrifício. Para ele, essa é a maior mostra de desenvolvimento da personalidade, que o europeu ainda não tem.

Portanto, a consciência hipertrofiada apresentada em Memórias do Subsolo, é um alerta para o que está se desenvolvendo na Europa, qual é o limite da individualização? Quais suas consequências? Para o homem do subsolo a consequência é um sofrimento extremamente profundo e uma existência atrofiada, ele não vai além de seu próprio umbigo, e os outros são um espelho dele mesmo. Ele vive em uma realidade distorcida pelo seu egoísmo, que gera seu rancor, seu ressentimento, causando dor para todos a sua volta, destruindo assim esse senso de fraternidade, pois a comunidade nem se quer existe para o homem do subsolo.

A consciência hipertrofiada é o que dá ao homem do subsolo o conhecimento profundo de sua condição doentia, ele consegue identificar dentro de si pensamentos positivos, sentimentos contrários ao rancor que sente. Isso mostra já no começo que o personagem não é uma pessoa puramente má, ele tem dentro de si partes boas, porém ele reprime essas emoções e pensamentos positivos, e ao reprimi-las acaba criando um

ciclo vicioso que vai gerar ainda mais rancor, pois esses sentimentos positivos vão tentar sair a todo custo e ele luta contra eles, até o ponto de ter febre. Essa característica do personagem acaba por travar seu desenvolvimento, e o mesmo não consegue se tornar nada. Apesar disso, ele consegue sentir prazer em sua própria desgraça. Acreditando que cientificamente o livre-arbítrio é uma ilusão, a única conclusão que o homem do subsolo pode tirar de sua condição é que ela é imutável e que assim deve ser, e uma vez que não pode mudar esta situação ele acaba cavando um buraco cada vez mais profundo, a sua reação ao determinismo de sua condição é reforçar ainda mais o seu destino, ampliando deliberadamente seu ressentimento, pois não consegue aceitar essa conclusão determinista de sua existência.

É interessante ver como a consciência hipertrofiada do personagem molda a história e como ele interage com o mundo. Em relação a si mesmo ele sabe que é um homem doente, ressentido e entende perfeitamente como funciona a sua consciência hipertrofiada e como esta é a razão de sua doença, ele vai analisar tudo, e por fim ficar inerte em relação a tomar medidas para mudar sua situação. Ele considera o homem normal um idiota e naturalmente o homem de consciência hipertrofiada seria superior se não fosse por sua inércia, pois o homem normal mesmo sendo intelectualmente inferior consegue viver sua vida, agir no mundo, e sabendo disso o homem de consciência hipertrofiada acaba se tornando um “camundongo”. O rato é um animal visto muitas vezes com desprezo e nojo, e é assim que o nosso personagem sente a respeito de si mesmo e sabe que está correto em sentir isso, o sentimento que ele nutre dentro de si – o ressentimento – é o pior de todos, dentro da grande quantidade de emoções que o homem pode ter, isso fica claro no decorrer da obra.

Fica evidente a que ponto a consciência hipertrofiada pode levar o homem, que ao se sentir ofendido de forma justa ou imaginária, ele vai se refugiar em seus devaneios preparando sua vingança, remoendo e criando lembranças até o seu último dia de vida, sem esperança de mudar sua situação:

Ali, no seu ignóbil e fétido subsolo, o nosso camundongo, ofendido, machucado, coberto de zombarias, imerge logo num rancor frígido, envenenado e, sobretudo, sempiterno. Há de lembrar, quarenta anos seguidos, a sua ofensa, até os derradeiros e mais vergonhosos pormenores; e cada vez acrescentará por sua conta novos pormenores, ainda mais vergonhosos, zombando maldosamente de si mesmo e irritando-se com a sua própria imaginação. (...) No seu leito de morte, há de tornar a lembrar tudo com os juros acumulados em todo esse tempo e... (Dostoiévski, 2000, p. 23-24)

Em situações sociais a consciência hipertrofiada faz o personagem voltar toda a sua atenção para si mesmo, em um egoísmo absurdo, que o faz pensar que o mundo gira ao seu redor onde todas as pessoas estão pensando nele, esperando por ele, quando na realidade ninguém está de fato perdendo tempo com isso. Isso mostra como essa característica é desvantajosa e vai impedir que o mesmo receba ajuda externa, mesmo que alguém tente ajudar, ele não aceitará e continuará ali no seu buraco, cavando. No jantar com Símonov e seus colegas (Dostoiévski, 2000, p. 85-97) é evidente essa vaidade absurda, em nenhum momento ele pensa nas interações com as pessoas, mas como essas pessoas o veem, como elas o julgam. Ao mesmo tempo em que ele despreza as pessoas ali presentes ele quer que elas prestem atenção nele, que olhem para ele, como se fosse a única razão de estarem naquele lugar. Sua consciência hipertrofiada funciona como uma ferramenta de autossabotagem, que cria situações em sua cabeça mesmo não tendo evidência de que os outros estão pensando isso sobre ele, sempre achando que o estão vendo como inferior. Isso torna a sociabilização impossível, já que nenhum dos participantes do jantar está pensando no homem do subsolo como o mesmo imagina.

Portanto, a consciência hipertrofiada ao nível do indivíduo pode ser dividida em duas partes, uma interna e outra externa. A interna leva o indivíduo para o subsolo, cria e alimenta esse ressentimento debilitante, que produz um círculo vicioso de reafirmação do ressentimento e dos pensamentos negativos, penetrando cada vez mais no subsolo. A sua forma externa, ou seja, na sociabilização, impede o homem do subsolo de gerar qualquer interação normal com outras pessoas, fazendo sua mente pensar somente sobre si mesmo, em um egoísmo extremo. Ambas as partes estão interligadas e se reforçam, ao imaginar como os colegas pensam sobre ele, geralmente de forma negativa, o homem do subsolo gera o ressentimento a partir dessa ofensa. Logo, em qualquer contato que venha a ter com esses colegas o ressentimento virá como premissa na sua interação, impossibilitando uma socialização saudável, mesmo que tenham se passado muitos anos. Ainda que por um lado a consciência hipertrofiada do nosso personagem o torne mais consciente de si mesmo do que as outras pessoas, isso não traz benefício para ele, pelo contrário, acaba reforçando a sua doença.

A principal característica que surge da consciência hipertrofiada, o ressentimento, entendido neste trabalho como o pior sentimento possível que um ser humano pode ter, na visão de Dostoiévski, será abordada

mais a fundo no próximo capítulo. Nesse sentido a obra serve como um sério alerta do que pode surgir do racionalismo determinista, se os homens do subsolo forem maioria em uma sociedade, ela estará fadada ao sofrimento extremo e isso será a sua ruína. Dostoiévski também está preocupado com a ligação entre as pessoas, e como sabemos, o ser humano é o mais social de todos os animais, destruir uma parte fundamental da existência humana para alimentar o ego de cada um como acontece com o homem do subsolo, irá atrofiar a existência das pessoas, nós nos tornaremos menos humanos, e o sofrimento será silencioso, dentro de cada subsolo individual.

2.1. O RESSENTIMENTO

O ressentimento é uma palavra que se origina do latim *sentimentum*, que quer dizer “opinião, sentimento, afeição, de sentire, “sentir”. Este verbo deu origem ao nosso “sentir”, e também por consequência o “ressentimento”, com a colocação do prefixo RE-. Este termo, como a própria palavra sugere, é o ato de remoer, repensar, reviver sentimentos que foram de alguma forma negativos para a pessoa, que geraram raiva, rancor no momento, e agora o indivíduo fica “ressentindo” e deseja vingança contra quem o ofendeu.

É o ato de não esquecer acontecimentos negativos do passado, revivendo-os no presente, não superando-os. Existem níveis de ressentimento, a pessoa pode sentir somente um acontecimento, ou em casos extremos como no livro *Memórias do Subsolo*, esse ressentimento pode ser tão profundo e tão devastador que corrompe toda a vida do indivíduo, todas as interações que a pessoa tem na vida ela demonstra o ressentimento, este seria o exemplo extremo de uma pessoa ressentida. A melhor forma para o ressentido lidar com isso, é com a razão, conhecer a si mesmo, suas capacidades e defeitos, e assim poderá repensar a situação e a ofensa recebida de outra forma, logo conseguirá lidar com a situação interpretando de forma objetiva, e perdoar a si mesmo e a pessoa que cometeu a possível ofensa, para assim poder continuar com sua vida superando o ressentimento e planejando o futuro.

Algumas características do ressentimento seriam que o mesmo pode ser objetivo, quando a pessoa ressentida realmente sofreu alguma ofensa e reage proporcionalmente. Ele pode ser exagerado, quando a pessoa realmente sofreu uma ofensa, mas acaba exagerando a gravidade dessa ofensa, distorcendo a realidade do ocorrido. E por último a imaginária, quando a pessoa cria eventos em sua mente para dar razão ao seu ressentimento e reforçar o mesmo, como acontece com o nosso personagem-narrador, que fica em seu subsolo relembando o ocorrido, e cada vez que volta lá cria um novo detalhe, aumentando exponencialmente o ressentimento. Logo, o ressentimento pode ser entendido como a interpretação errônea ou exagerada de coisas negativas que ocorreram na vida da pessoa, deixando esse conteúdo preso na memória e o ressentindo muitas vezes, sempre pensando em sua vingança.

Na primeira parte da obra o ressentimento aparece como uma forte característica da consciência hipertrofiada, que foi melhor abordada no capítulo anterior. Esse ressentimento se mostra enraizado na estrutura psíquica do personagem, criando rancor junto de seu egoísmo. Ao se sentir mais inteligente do que todos, forma-se o ciclo vicioso que o faz ter esse sentimento de superioridade que dá razão para sua raiva.

E o principal, por mais que se rumine o caso, está em que eu sou o primeiro culpado de tudo e, o que é mais ofensivo, culpado sem culpa e, por assim dizer, segundo as leis da natureza. Pois, em primeiro lugar, tenho culpa de ser mais inteligente que todos à minha volta. (Dostoiévski, 2000, p. 21)

O homem do subsolo sabe da sua parte que gera combustível para o ressentimento que sente, porém usa esse conhecimento para aumentar ainda mais o próprio ressentimento, ele sente prazer nisso, é sua forma doentia de tentar lidar com o problema. Ele se compara com os homens de ação, que agem imediatamente quando são ofendidos, ao contrário dele que segundo ele mesmo tem uma inteligência superior, porém nunca age, deixando o conteúdo de sua ofensa ruminar dentro de sua mente e nunca lidando com o problema de fato. Isso acaba criando o problema da memória, com esse conteúdo preso em sua mente, ele vai gerar cada vez mais rancor e ficar cada vez mais doente. A problemática da memória fica evidente na riqueza de detalhes que ele dá ao redigir suas memórias, elas estão presas nele durante décadas e sem solução, e provavelmente muito de suas recordações foram inventadas por ele toda vez em que revisitou essas memórias, adicionando conteúdos que o deixam mais ofendido e dando razão para seu rancor. Aqui consiste também o prazer do ressentimento, dar cada vez mais razão para si mesmo, alimentar o próprio ego é prazeroso para ele, como também o é imaginar sua vingança, pois é muito mais fácil agir em devaneio do que na vida real, esse prazer é também uma característica que prende o homem do subsolo nessa condição.

A inércia é outra característica forte do ressentimento, apresentada nesta primeira parte, para ele os idiotas ou homens de ação só agem, como os animais, enquanto ele, ao se deparar com uma ofensa acaba pensando demais e não age. Sua consciência hipertrofiada o paralisa na hora da ação que lidaria com a ofensa recebida, e por não agir esse conteúdo fica preso por tempo indeterminado, mostrando assim, que resolver o problema que o fez ficar ofendido é de suma importância para se lidar com o ressentimento.

Já na segunda parte da obra Memórias do Subsolo, nosso personagem-narrador nos dá bons exemplos desse ressentimento imaginário, e o tanto de sofrimento que isso pode causar quando o mesmo, atormentado por sua angústia, entra em um bar em busca de uma briga. Ele se fixa em um lugar onde atrapalhasse a passagem das pessoas, e logo um oficial que queria passar pega-o pelos ombros e o tira de seu caminho.

Eu estava em pé junto à mesa de bilhar, estorvava a passagem por inadvertência, e ele precisou passar; tomou-me então pelos ombros e, silenciosamente, sem qualquer aviso prévio ou explicação, tirou-me do lugar em que estava, colocou-me em outro e passou por ali, como se nem sequer me notasse. Até pancadas eu teria perdoado, mas de modo nenhum poderia perdoar que ele me mudasse de lugar e, positivamente, não me notasse. (Dostoiévski, 2000, p. 62-63)

Fica claro nesse trecho como funciona a imaginação criando um entendimento que não é necessariamente verdade, é óbvio que o oficial o notou, pois o tirou de seu caminho, e fica claro que o mesmo também não queria nenhum confronto. O homem do subsolo entende isso como uma afronta, o fato de não ter conseguido sua briga, de não ser digno nem de provocar isso, ele mesmo chegou a cogitar o início da briga, mas decidiu permanecer nas sombras. Após se acovardar ele nos dá alguns desfechos imaginários do que aconteceria caso ele tivesse começado a briga, e marca o oficial, e vendo-o na rua sente por ele raiva, rancor, e isso acontece por anos.

Posteriormente, encontrei na rua, com frequência, esse oficial e gravei-o bem na memória. Apenas, não sei se ele me reconhecia. Provavelmente não, o que concluo por alguns indícios. Mas eu, eu o olhava com raiva e ódio, e isto continuou assim... por alguns anos! A minha raiva até se fortalecia e se expandia com o passar do tempo. (Dostoiévski, 2000, p. 64)

Nesse outro trecho fica evidente a memória como ferramenta do ressentimento, prendendo o oficial em sua mente, e o fato da raiva se fortalecer com o tempo mostra o ciclo vicioso que se cria, voltando àquela memória e adicionando cada vez mais detalhes sórdidos que vão justificar e intensificar esse rancor. Ele investiga o oficial, descobre algumas informações e inventa outras, e escreve uma carta chamando o mesmo para um duelo, mas desiste de enviar a carta, isso tudo levou 2 anos. Ele não pode se desligar da memória do ocorrido, ou melhor, de sua versão sobre o acontecido, de como reagiu e como o oficial merece sua vingança. Ligado por sua vaidade infinita, ele julga que todos precisam reconhecê-lo de alguma forma, e ao passar pela Avenida Niévski, reclama de como ninguém percebe sua presença e tem a ideia de sua vingança, trombar contra o oficial na rua, para assim ficar no mesmo patamar do mesmo. Ele sabe que a ação o tiraria do seu subsolo e transformaria ele em um homem normal, sabendo disso, toda possibilidade de ação gera nele uma angústia profunda, ansiedade, e o mesmo acaba por desistir de agir.

Do modo como eu me preparava e ajeitava para aquilo, parecia que mais um pouco e íamos dar o encontrão; mas reparava e... mais uma vez eu tinha cedido caminho, e ele passara sem sequer me notar. Acercando-me dele, eu até rezava, pedindo a Deus que me infundisse ânimo. De uma feita, até me decidira de vez, mas, por fim, apenas caí diante dele, porque, no instante derradeiro, à distância de uns dois vierchokes, faltou-me coragem. Ele caminhou por cima de mim com toda a tranquilidade, e eu me atirei para um lado, como uma bola. Nessa noite, mais uma vez, estive doente, febril, e delirei. (Dostoiévski, 2000, p. 69)

Aqui se vê como no fundo ele tem vontade de sair do subsolo, mas está preso, o encontrão o libertaria de toda a angústia do acúmulo de rancor e planejamento excessivo para sua vingança, é visível também como ele aproveita a situação da falta de ação para criar ainda mais um motivo para seu ressentimento, transformando toda a cena em um ciclo vicioso. Eventualmente ele consegue dar o encontrão com o oficial, o mesmo finge que nada aconteceu e segue seu caminho, até esse fingimento por parte do oficial parece ser criado pelo homem do subsolo, ele quer acreditar nisso, para agradar a sua vaidade de que finalmente foi notado pelo oficial. Porém após sua vitória, vemos que ele não se livrou da prisão de sua memória e do ressentimento da ação ocorrida, ele soube que o oficial foi transferido, e afirma que já se passaram 14 anos desde o ocorrido, e ainda pensa no oficial, sua vingança obviamente não o libertou, e o mesmo continua ressentido e preso ao oficial.

Podemos ver uma tendência de comportamentos que ajudam o ressentimento a tomar lugar na cabeça de uma pessoa. Tudo começa com algum evento, ofensa, proferido contra essa pessoa, logo depois ela vai

interpretar esta situação, podendo reagir de forma exagerada ou imaginária, e começa a remoer o acontecido, e imaginando outros jeitos que aquilo poderia acontecer. Porém essa imaginação dará razão para o ressentimento que começa a nascer, e vai adicionando cada vez mais detalhes à lembrança do ocorrido, transformando-o em pura ficção. Depois começa o processo de planejamento da vingança, onde novamente a imaginação e a memória são fatores chave, inventando finais diferentes para ações diferentes. Quando fica decidido a forma de se vingar a pessoa quando chega ao ponto crucial da execução, tomada por uma ansiedade e angústia, acaba por desistir do ato, e retorna àquele lugar de imaginação e planejamento da vingança, e é nesta parte que a riqueza de detalhes se constrói, pois a pessoa pode ficar presa aqui por bastante tempo. Porém pode ser que a pessoa, após algum tempo, venha realmente a se vingar, e executa o ato, mas descobre que a vingança não pode libertá-la e mesmo assim continuará presa ao ressentimento, ainda pensando na situação.

É fácil para o ressentido se ver como uma pessoa superior, pois para ele ninguém pensa tanto nas coisas acontecidas quanto ele, por causa de sua consciência hipertrofiada, essa pessoa ao reviver eventos do passado, pode criar desfechos diferentes em sua cabeça através de devaneios, inventar partes onde toma o controle da situação e consegue se vingar. Com isso a pessoa acaba gerando uma forma de prazer nesse sofrimento, porém esse raciocínio prende-a em sua própria consciência, ressentindo o passado, e não planejando seu futuro. Ao ver os “idiotas” simplesmente agindo e vivendo no mundo, superando suas dificuldades, ele se torna ainda mais ressentido, por se sentir punido por ter essa consciência hipertrofiada, é como se as outras pessoas nem pensassem nos acontecimentos ocorridos em sua vida. Na verdade, o ressentido está cego, e não consegue ver além do que o fez sofrer, isso é uma visão egoísta, pois o seu sofrimento acaba sendo mais importante do que as outras pessoas. Mesmo que seu sofrimento esteja causando dor a outras pessoas, o ressentido provavelmente nem se dará conta disso, e quem quer que tenha causado seu sofrimento, a fonte do rancor, muitas vezes nem lembra do ocorrido e vive naturalmente, então mesmo que o ressentido tenha razão em sofrer, este sentimento volta contra ele próprio e a pessoa se torna seu pior inimigo, atrofiando sua existência e amplificando seu sofrimento.

2.2. A ESPERANÇA

A esperança é um conceito que aparece principalmente na segunda parte do livro quando o homem do subsolo se encontra com Liza, uma prostituta que representa o que há de mais baixo na hierarquia social da Rússia na época. Ele chega até essa casa de prostituição procurando vingança contra seus amigos que segundo ele o ofenderam no jantar, e se depara com Liza e acaba por dormir com ela. Ao acordar e ver a situação dela, ele, pela primeira vez, demonstra compaixão se colocando no lugar dela e pensando em seu futuro. Ele próprio afirma não saber porque não foi embora, mas ao permanecer com Liza começa um diálogo sobre o futuro da mesma:

Em todo o caso, daqui a um ano o seu preço vai cair — prossegui com perversidade. — Vai passar daqui para alguma parte mais baixa, para uma outra casa. Depois de um ano mais, irá para uma terceira, cada vez mais baixo, e, daqui a uns sete anos, terá chegado à Siênaia, a um porão. E assim ainda seria bom. (Dostoiévski, 2000, p. 106)

Ele faz questão de que ela pense em seu futuro e fica irritado ao perceber que ela própria não se preocupa tanto com isso. Ele ataca toda e qualquer esperança que Liza possa ter enquanto ela estiver naquele lugar, falando sobre como ela está presa ao prostíbulo através de dívidas e como seus amantes iriam mentir para ela a respeito de casamento e nunca de fato irão salvá-la. Essa análise fatalista da vida de Liza é o mesmo que ele fez sobre si mesmo, tornando impossível qualquer esperança de sair de seu subsolo assim como para Liza sair do prostíbulo.

A situação de Liza parece análoga ao subsolo e ele começa a se projetar nela, montando assim a possibilidade de sua própria salvação em Liza, “Até na aflição a vida é boa. É bom viver no mundo, ainda que se viva seja lá como for. E aqui, o que se tem, além de... mau cheiro? Irra!”. (Dostoiévski, 2000, p. 107) Análogo ao seu ressentimento é a forma como fala da prisão de Liza em relação a sua dívida com a dona do prostíbulo, uma dívida que provavelmente nunca será paga, assim como a vingança, que no caso do ressentimento, raramente será executada e não dará os resultados que o ressentido imagina que terá. A vingança nesse caso se transforma em uma forma de se libertar do ressentimento, e enquanto não for executada, ele estará preso a ela, mas como já vimos, mesmo depois da vingança essa liberdade não é alcançada e a pessoa continuará presa.

Pensando no futuro de Liza ele encontra no casamento a salvação da mesma, e tenta encorajá-la a sair do prostíbulo e encontrar um companheiro. Mesmo que não seja por amor, seria melhor do que aquele lugar, e

assim teria uma vida muito mais feliz. Falando sobre família e casamento e como é importante o amor nessas relações, ele acaba revelando que isso é na verdade uma forma de alcançar sua própria salvação, portanto a esperança dele está em encontrar um amor, construir uma família e assim sair de seu subsolo fétido e cheio de rancor.

Passará o primeiro amor conjugal, é verdade, mas então chegará um amor ainda melhor. Ambas as almas se unirão, todos os seus interesses serão comuns, e um não terá qualquer segredo para com o outro. E, quando os filhos vierem, mesmo os tempos mais difíceis vão parecer uma felicidade; é só amar e ser corajoso. (Dostoiévski, 2000, p. 112)

Depois de dizer para Liza como seria seu futuro e como sua vida acabaria em nada, a mesma cai em prantos, e ele arrependido dá seu endereço para ela. Todo esse determinismo em relação ao futuro de Liza enquanto estiver no prostíbulo fere a alma dela, e ele sabe o mal que fez. Pois se a vida dela já está decidida e nada poderá mudar, como ela pode ter alguma esperança sobre seu futuro, sua vida? Esse ataque à esperança de Liza é o pior ato que ele comete na novela, ele reconhece isso, e como vimos no primeiro capítulo, ao remover as possibilidades de melhora na vida dela, ele atrofiou a existência de Liza. Ela, porém, mostra para ele a carta de um estudante de medicina que lhe promete amor, essa é a verdadeira esperança dela:

Pobrezinha, guardava a carta daquele estudante como uma preciosidade, e corria para apanhar aquele seu único tesouro, não querendo deixar-me partir sem ficar sabendo que ela também era amada, honesta e sinceramente, que também lhe falavam com respeito. Está claro que o destino da carta era ficar guardada no cofrezinho, sem qualquer resultado. (Dostoiévski, 2000, p. 121)

Essa carta é a ferramenta que Liza tem para suportar toda a desgraça de sua vida no prostíbulo, é ela que vai impedir que Liza se afunde no subsolo e se torne tão rancorosa e vingativa quanto ao homem do subsolo. Ele não entende o resultado que a carta terá na vida de Liza, essa esperança é mais forte que qualquer destino que ela possa ter. Ele não possui nenhuma esperança e aqui está a diferença crucial entre ele e Liza, isso o torna inferior a ela, seu sofrimento por conta disso é exponencialmente maior, e vemos aqui uma mudança de posições, quem precisa de ajuda é ele, e sua salvadora, sua esperança, pode ser Liza.

Depois do convite feito a Liza para que ela vá até a sua casa, a espera o deixa muito perturbado e o homem do subsolo através dos seus devaneios nos mostra como ela se tornou uma figura que pode salvá-lo da consciência hipertrofiada, sua forma de sair do subsolo é efetivamente ajudar Liza.

“Estou salvando Liza, justamente pelo fato de que ela vem a minha casa e eu lhe falo... Faça-a progredir, cuide da sua instrução. A seguir, percebo que ela me ama, que me ama apaixonadamente. (...) Finalmente, toda envergonhada, bela, trêmula, aos soluços, atira-se a meus pés e me diz que sou o seu salvador e que ela me ama acima de tudo no mundo.” (Dostoiévski, 2000, p. 127)

Esse devaneio, se concluído, salvaria ambos, Liza sairia do prostíbulo e teria uma vida melhor e ele sairia do subsolo e poderia ter alguma esperança para o futuro, superando o determinismo de sua consciência hipertrofiada e a atrofia existencial causada pelo seu ressentimento.

Ela finalmente vai visitá-lo e se depara com ele em estado de histeria brigando com seu criado Apolón. Ela agora vê a real situação dele, a pobreza, o subsolo, ele se sente vulnerável e cai em prantos, esse é o momento onde todas as máscaras dele caem e ele nos mostra o quanto realmente está sofrendo. E mais uma vez sua consciência hipertrofiada o faz pensar de forma extremamente rancorosa, culpando não a si mesmo por estar naquela situação, mas culpando Liza por vê-lo como ele realmente é.

Eu estava enraivecido contra mim mesmo, mas, naturalmente, ela é que devia sofrer as consequências. Um rancor terrível contra ela ferveu de chofre em meu coração; era capaz de matá-la ali mesmo, parecia-me. Para me vingar dela, jurei mentalmente não lhe dizer mais nenhuma palavra enquanto estivesse ali. “Ela é que é a causa de tudo”, pensava. (Dostoiévski, 2000, p. 136)

Finalmente, ele despeja sobre Liza o seu sofrimento, ofendendo-a, porém ele acaba se expondo e Liza entende o extremo sofrimento que o homem do subsolo está passando, e que sua vida é muito mais infeliz do que a vida de qualquer prostituta. Ela, cheia de compaixão tenta ajudar, choram juntos, mas como nosso personagem é um exemplo extremo do que aconteceria com alguém tão ressentido, a salvação não se conclui, ele mesmo sabotava a sua única esperança de redenção dando para Liza uma nota de cinco rublos, como pagamento por ter ido até ali. Liza deixa o dinheiro sobre a mesa e vai embora, e ele imediatamente se arrepende, porém é tarde demais, ele foi o seu pior inimigo e jogou fora sua salvação.

Mas eis o que posso dizer com certeza: cometi esta crueldade, ainda que intencionalmente, mas não com o coração, e sim com a minha cabeça má. Esta crueldade era tão artificial,

mental, inventada, livresca, que eu mesmo não a suportei um instante sequer. (Dostoiévski, 2000, p. 143)

O fato de Liza deixar o dinheiro em cima da mesa de forma tão sutil ao ponto de ele só perceber depois dela ter ido embora, mostra que ela tem muito mais dignidade do que ele imaginou, ela foi lá para salvá-lo, e a consciência hipertrofiada do homem do subsolo inverteu os papéis da situação. Ele se vê de forma superior à Liza, mas as ações dela nos mostram o contrário, ele está muito mais abaixo na hierarquia moral do que até mesmo uma prostituta, e ele se irrita profundamente ao perceber isso, e sente um forte rancor por Liza, culpando-a de seu sofrimento, pois na sua imaginação, quem deveria implorar ajuda era ela e não ele.

Pois bem, eu podia esperar que ela fizesse isto. Podia mesmo? Não. Eu era a tal ponto egoísta, respeitava, na realidade, tão pouco as pessoas que não podia sequer imaginar que ela o fizesse. — Não suportei aquilo. Um instante depois, como um insano, corri a vestir-me, joguei sobre mim o que pude, às pressas, e corri velozmente em sua perseguição. (Dostoiévski, 2000, p. 144)

Existe um conflito interno entre a parte dele que elabora uma esperança e a consciência hipertrofiada. Ao perceber o mal que fez em deixar o dinheiro para Liza, ele corre atrás dela pelas ruas, mas em seus devaneios fica claro como a consciência hipertrofiada é forte. A sua ação é de esperança, de arrependimento, enquanto seus pensamentos criam justificativas racionais para que ele pare de ir atrás de Liza.

“Para onde teria ido? E por que estou correndo atrás dela? Para quê? Cair diante dela, chorar de arrependimento, beijar-lhe os pés, implorar perdão! Eu até que desejava isto; meu peito dilacerava-se todo, e jamais, jamais poderei lembrar aquele momento com indiferença. Mas, para quê?”, pensei. “Não irei eu odiá-la, amanhã mesmo, talvez, justamente por lhe ter beijado hoje os pés? Irei eu dar-lhe felicidade? Não constatei acaso hoje novamente, e pela centésima vez, quanto valho? Não irei suplicá-la de uma vez?!” (Dostoiévski, 2000, p. 144)

É mais evidente ainda nesse trecho como a consciência hipertrofiada gera nele esse pensamento determinista, ele começa com esperança e termina com a ideia de que seu caráter não pode mudar, e que ofenderia Liza da mesma forma novamente, concluindo que seria melhor deixá-la ir e deixar essa ser a última afronta que ele causaria a ela. Essa forma de raciocínio impede que o homem do subsolo possa ser salvo, não há qualquer esperança de nenhum tipo de mudança, e todo sofrimento que ele está passando se torna justificável, ou seja, não há outra forma de ser. É assim que a consciência hipertrofiada anula qualquer possibilidade de o homem do subsolo ser salvo, e ele joga fora sua possibilidade quando Liza vai embora.

Temos, portanto, a esperança aparecendo como possível solução para o ressentimento, em casos menos extremos, ter o que pensar para o futuro pode dar a força necessária para que se possa superar o sofrimento do momento e aprender. O homem do subsolo por ser um exemplo extremo, não consegue sair da prisão da consciência hipertrofiada, que o faz chegar a conclusões que vão se tornar autossabotagem. Ele chega a elaborar sua esperança e sabe o que tem de fazer para conseguir, porém toda a visão determinista sobre seu futuro o impede de se salvar, elevando o seu sofrimento. Liza por outro lado, mesmo após sua interação com o homem do subsolo e mesmo vivendo uma vida de prostituta, será menos infeliz que ele justamente por ter esperança, naquela carta do médico. Esse conceito é chave para demonstrar uma possibilidade de lidar com a consciência hipertrofiada diminuindo o sofrimento, e por consequência tratar do ressentimento, como também para demonstrar o quão fundo o homem do subsolo cavou, ele é um homem sem esperança nenhuma, levando-o a um sofrimento inimaginável.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Memórias do Subsolo é uma obra extremamente densa, com muitos conteúdos sociais, psicológicos e filosóficos que podem ser analisados de várias perspectivas diferentes, o que torna a pesquisa infinita, sendo preciso decidir o que estudar e qual perspectiva usar. Neste trabalho focamos mais em três conceitos chave presentes no decorrer de toda a obra: a consciência hipertrofiada, o ressentimento e a esperança. Com uma perspectiva existencialista procurando entender o sofrimento do personagem e qual seria a solução para todo esse sofrimento. A consciência hipertrofiada com vimos está ligada ao individualismo, quando a pessoa se desconecta de sua comunidade, se tornando uma ilha e como esse tipo de pensamento pode gerar uma inflação do ego, da vaidade, aumentando o individualismo e assim o sofrimento das pessoas. Da consciência hipertrofiada gera-se o ressentimento, que deixa a vida da pessoa amarga, atrofiando sua existência, e aumentando muito o próprio sofrimento, também foi discutido seus mecanismos como memória, imaginação e

como se cria um ciclo vicioso de criação de rancor e fortalecimento do mesmo e como isso pode gerar inclusive prazer. O último conceito, a esperança, aparece como um antídoto, uma forma de conter a consciência hipertrofiada e de lidar com o ressentimento, pensar e planejar para o futuro é o que justifica o sofrimento momentâneo do presente, facilitando a trajetória da vida e a superação do ressentimento. O homem do subsolo aqui entendido como um alerta, nos mostra as consequências extremas dessa sociedade cada vez mais individualista que a modernidade europeia estava moldando naquela época, e ao mostrar o sofrimento pungente que nosso personagem passa, Dostoiévski tenta mostrar o tamanho da dor que isso causaria para cada indivíduo. Aprendemos, portanto, que a sociabilização assim como ter esperança para o futuro são ferramentas essenciais para lidarmos com o ressentimento. Ao mesmo passo que o pensamento determinista vai contra a natureza humana, que precisa de sua liberdade para criar, sem ela só nos restaria a consciência hipertrofiada, que como vimos só causa sofrimento. Temos por fim, nessa obra, lições valiosas para lidarmos com a natureza humana e diminuir nosso próprio sofrimento, entendendo melhor nosso papel na sociedade como indivíduos que se importam com o outro, tendo pessoas que se importam conosco, e assim moldar um futuro melhor para o indivíduo e para a comunidade.

Algumas dificuldades encontradas durante a pesquisa foram em relação ao material bibliográfico, onde a maior parte dos estudos sobre ressentimento falam da perspectiva de Nietzsche e o foco de nosso trabalho é a perspectiva dostoiévskiana. O limite curto de tempo também é outro fator que limita um aprofundamento maior em cada conceito ou até mesmo a abordagem de outros conceitos que estão presentes na obra.

Muitas outras pesquisas poderiam ser feitas sobre esta obra abordando assuntos como a prisão que o personagem parece se encontrar, discutindo o conceito de liberdade; o fato de o mesmo encontrar prazer no próprio sofrimento também poderia ser estudado melhor. Muitas outras abordagens poderiam ser feitas, inclusive em campos como sociologia, abordando a cultura tanto da Rússia como da Europa da época, assim como as reações psicológicas dessas mudanças. Certamente é uma obra que vai proporcionar ainda muitos estudos, e que com certeza gerarão discussões interessantes.

REFERENCIAS

MURILO. **Palavra Ressentimento**. 2010. Origem da Palavra. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/ressentimento/#:~:text=Resposta%3A,%2D%2C%20%E2%80%9Cpara%20tr%C3%A1s%E2%80%9D>. Acesso em: 26 jul. 2022.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do subsolo**. Trad. de Bóris Schnaidermann. São Paulo: Editora 34, 2000.

FRANK, Joseph. **Dostoiévski: os Efeitos da Libertação, 1860-1865**. São Paulo: Edusp, 2002. p. 327-345; 427-474.

BITTENCOURT, R. N. (2011). **A tipologia do ressentimento em Dostoiévski e Nietzsche**. *Revista Húmus*, 1(2).

PASCHOAL, A. E. (2010). **Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”**. *Estudos De Nietzsche*, 1(1).

TREVISAN, Juliano Fontana. **Nietzsche e o Ressentimento: Um Estudo Em Psicologia Social**. 2005.